



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS:
UMA PRÁTICA EPISTEMOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR(A)**

BRAGANÇA / PA

2023

JOSILENE SANTOS DA SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS:
UMA PRÁXIS EPISTEMOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR (A)**

Artigo apresentado à Faculdade de Educação – FACED, do Campus de Bragança – da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito necessário para a conclusão do curso de Pedagogia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Maria da Luz Duarte Leite Silva.

BRAGANÇA/ PA

2023

JOSILENE SANTOS DA SILVA

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS:
UMA PRÁXIS EPISTEMOLÓGICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR (A)**

APROVADA EM: ____/____/____

Banca examinadora:

Dr^a. Maria da Luz Duarte Leite Silva

Prof^a. Dr^a orientadora – UFPA

Dr^a. Ana Paula Vieira e Sousa

Prof^a. Examinador - UFPA

Me. Deyverson Luener de Oliveira Ferreira

Prof. Examinador - UFPA

BRAGANÇA/ PA

2023

AGRADECIMENTOS

Nesse momento em que estou finalizando mais um ciclo importante na minha vida, quero agradecer às pessoas que estiveram comigo nessa caminhada, minha formação em pedagogia, porque não foram períodos fáceis, mesmo que indiretamente, contribuíram significativamente para que hoje eu esteja concluindo a minha primeira Graduação.

Agradeço principalmente a Deus, por me dar forças para superar os obstáculos impostos ao longo dessa jornada, pela saúde, principalmente mental, pois não foi fácil mantê-la. A palavra que me resume, hoje é gratidão.

Agradeço à minha família, meus pais e meus irmãos, que foram meus alicerces e sempre estiveram ao meu lado, dando apoio e me incentivando a não desistir. Em especial, aos meus pais que sempre acreditaram na educação e, que, sempre falavam que a maior herança que poderiam dar aos filhos eram os estudos. E, hoje tenho certeza de que foi a melhor herança que recebi. Obrigada por estar ao meu lado, sem o apoio de vocês não teria conseguido alcançar os meus objetivos.

Aos amigos de curso, principalmente a minha equipe de trabalho, que desde o começo da graduação estivemos juntas, nos apoiando e realizando as atividades. Obrigada pelo apoio demonstrado durante toda a etapa em que estivemos estudando e pelos laços de amizade construídos, que foi de extrema importância para as nossas vidas. Às minhas duas primas, que também estiveram comigo me fazendo companhia nessa longa caminhada.

Por último, mas não menos importante, à minha orientadora, que conduziu esse trabalho com muita paciência e dedicação, sempre estava disposta a tirar as minhas dúvidas. Obrigada, professora, por compartilhar os seus conhecimentos e pelos ensinamentos que foram de muita importância para a realização deste trabalho.

RESUMO

A proposta deste artigo é dialogar sobre as atividades de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental Anos Iniciais, no Município de Bragança/PA. Este Estágio aconteceu no período de (05) cinco a (20) vinte de Setembro de 2023, na EMEIF Simpliciano Fernandes de Medeiros Júnior, numa turma do 3º ano. Vale destacar que, desde as ações da Prática/Estágio até a elaboração deste artigo, adotou-se uma abordagem qualitativa, isso por compreender a necessidade de ser categórico na coleta e compreensão dos dados, bem como no aprofundamento do tema proposto. Esta pesquisa se apresenta como descritiva e explicativa. Para Silva & Menezes (2000, p.21), a pesquisa descritiva procura apontar as características da realidade de determinada população e de qualquer fenômeno/fato que instigue interesse ou demande de uma problemática a ser investigada e compreendida. Para dá categoria a este estudo, optou-se também por realizar um questionário para ser respondido pela professora regente da sala *locus* do estágio, por compreender que, conforme apresentada Lakatos e Marconi (2002, p.201), o questionário “[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, e sem a presença do entrevistador.” Sendo assim, este artigo tem como objetivo dialogar sobre as atividades de estágio e os saberes teóricos apreendidos durante o curso de pedagogia, de modo a entender e/ou refletir como a escola campo de estágio vê essa fase de formação, mas, também entender qual a função do estágio para o estagiário e o professor regente de sala de aula. Percebeu-se, todavia, a partir da fase de observado e da intervenção, bem como dos estudos teóricos empreendidos e da fala da professora regente da turma *locus* do estágio/pesquisa, que há necessidade da escola, especificamente do professor, rever seus saberes /fazer docentes, buscando aperfeiçoamento de sua prática pedagógica em formações continuadas e também estudos teóricos, de modo a desenvolver práticas e estratégias pedagógicas que tenham como foco o desenvolvimento cognitivo, intelectual e humano do aluno, desenvolvendo saberes/fazer que possibilite a construção de estratégias com base na construção epistemológica da práxis.

Palavras – Chaves: Estágio. Formação. Epistemologia da Práxis.

ABSTRACT

The purpose of this article is to discuss the activities of Supervised Internship in Elementary School Early Years, in the Municipality of Bragança/PA. This Internship took place from (05) the fifth to (20) the twentieth of September 2023, at EMEIF Simpliciano Fernandes de Medeiros Júnior, in a 3rd year class. It is worth highlighting that, from the Practice/Internship actions to the preparation of this article, a qualitative approach was adopted, understanding the need to be categorical in collecting and understanding data, as well as in delving deeper into the proposed theme. This research presents itself as descriptive and explanatory. For Silva & Menezes (2000, p.21), descriptive research seeks to point out the characteristics of the reality of a given population and any phenomenon/fact that instigates interest or demands a problem to be investigated and understood. To classify this study, it was also decided to carry out a questionnaire to be answered by the teacher in charge of the internship classroom, understanding that, as presented by Lakatos and Marconi (2002, p.201), the questionnaire “[.. .] is a data collection instrument, consisting of an ordered series of questions, which must be answered in writing, and without the presence of the interviewer.” Therefore, this article aims to discuss the internship activities and the theoretical knowledge learned during the pedagogy course, in order to understand and/or reflect on how the internship school sees this training phase, but also to understand which the role of the internship for the intern and the classroom teacher. However, it was clear from the observation and intervention phase, as well as the theoretical studies undertaken and the speech of the teacher leading the class where the internship/research took place, that there is a need for the school, specifically the teacher, to review their knowledge/ teaching activities, seeking to improve their pedagogical practice in continued training and also theoretical studies, in order to develop pedagogical practices and strategies that focus on the student's cognitive, intellectual and human development, developing knowledge/practices that enable the construction of strategies with based on the epistemological construction of praxis.

Keywords: Internship. Training. Epistemology of Praxis.

SUMÁRIO

1. Considerações Iniciais	08
2. Procedimento teórico – metodológico.....	09
3. Caracterização da Escola Campo de Estágio.....	11
4. Da fase de Diagnóstico versus Experiências Adquiridas.....	11
5. O processo de Ensino/Aprendizagem: observação e regência no <i>lócus</i> de Estágio.....	15
6. Ensino x aprendizagem na fase de regência de classe.....	19
7. Considerações Finais.....	24
8. Referências Bibliográficas.....	25

1. Considerações Iniciais

A proposta de diálogo para este artigo atende a apresentar a experiência docente a partir das atividades de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental – Anos Iniciais, tendo como premissa atender a construção da prática pedagógica coerente com os desafios atuais. O estágio aconteceu no período de cinco (05) a vinte (20) de setembro de 2023, na EMEIF Simpliciano Fernandes de Medeiros Júnior, localizada na Rua Dr. Justo Chermont, no Município de Bragança/PA. Realizaram-se todas as atividades desde a observação à intervenção numa turma do 3º ano, no turno matutino.

Na primeira etapa, teve como atividade a observação, que durou (05) cinco dias e, a segunda, foi a regência, com (05) cinco dias também, totalizando uma carga horária de (60) sessenta horas. Entende-se que o estágio é uma das etapas nos cursos de formação de professores no qual o futuro docente experimenta o saber fazer didático-pedagógico, pois para muitos, no caso dos pedagogos, o estágio será o primeiro contato com a realidade de sala de aula além de ser uma etapa obrigatória da formação inicial em Graduação. Para dar sustentação ao dito, cita-se Barreiro e Gebran (2015, p. 68), quando destacam que: “O estágio obrigatório definido por Lei deve ser vivenciado durante o curso de formação e com tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões da atuação profissional,” ou seja, além de ser obrigatório, o estágio é o momento que se pode desenvolver de fato, uma epistemologia da práxis.

Sabe-se que o estágio é de suma importância para a formação inicial dos futuros docentes, por isso, como destaca Barreiro e Gebran (2015, p. 68) nessa etapa da formação deve ser reservado: “um período final para a docência compartilhada, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistente de professores experientes.” Precisa-se ter claro que no estágio há um compartilhamento de saberes que se dá entre o professor Supervisor de estágio/ o aluno estagiário e professor regente de sala de aula.

Scalabrin e Molinari (2013, p. 01) reforçam os argumentos ditos acima sobre a função do estágio: “é um processo de aprendizagem necessário a um profissional que deseja realmente estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira e deve acontecer durante todo o curso de formação acadêmica”. Ou seja, por meio do estágio, os docentes em formação desenvolvem os saberes fazeres docentes a partir da ação/reflexão/ação.

Assim sendo, é considerando a importância da tríade apresentada acima, que “[...] deixa de ser considerado apenas como um dos componentes do currículo e passa a integrar o corpo de conhecimentos do curso de formação de professores”. (PIMENTA e LIMA, 2009,

p.55). Esse fato é tão verdade que se pode dizer com categoria, que esse momento prático/experiência proporcionou se entender como se dá a relação professor aluno dentro da sala de aula, bem como que a teoria e prática não são premissas separadas, mas, em constante entrelaçamento.

Além disso, pode-se observar como ocorre o planejamento e as metodologias utilizadas em sala de aula, as dificuldades encontradas pela professora regente e, como se dá o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Essas vivências somaram nas demais vividas durante todo o curso de pedagogia. Nesse sentido, Silveira *et al* (2021) destaca que o estágio deve considerar:

O seu processo formativo, sendo uma construção e intervenção social, haja vista que o acadêmico observa, analisa, pensa e reflete sobre as especificidades presentes no campo da educação. Por este viés, pode-se dizer que os acadêmicos em formação inicial, enquanto estão em estágio, eles conseguem ter novas aprendizagens com os professores que já possuem experiências. (SILVEIRA *et al*, 2021, p.2)

Portanto, com base na fala de Silveira e seus companheiros de estudo, o estágio deve ser visto como fazendo parte do processo formativo dos acadêmicos na formação inicial, uma vez que é nesse momento que se pode refletir sobre a ação que se está presenciando.

Portanto, para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizou-se de estudos bibliográficos que discutem sobre a temática em questão, bem como se realizou um questionário que foi destinado a professora regente de sala de aula em que ocorreu o estágio de modo a poder-se fazer uma analogia dos saberes teóricos adquiridos durante todo o curso de pedagogia, os saberes práticos da professora colaboradora.

Dessa forma, este estudo está pautado em pesquisas bibliográficas, e de campo. No que tange a pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2003, p. 183) afirmam que: “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. Todo o aparato metodológico no desenvolvimento deste artigo se deu por se considerar o estágio como uma etapa aglutinadora na formação do professor, como modos de fazer docente, em um contínuo saber/ fazer reflexivo.

2. Procedimentos teóricos - Metodológicos

Nesta pesquisa desde as ações de prática/ estágio até a elaboração deste artigo adotou uma abordagem qualitativa, isso, por compreender a necessidade de ser categórico na coleta e

compreensão dos dados, bem como no aprofundamento do tema proposto. Gerhardt & Silveira (2009) apresentam que na pesquisa qualitativa, o (a) pesquisador(a) “não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão do fenômeno investigado” (GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 31). Desta feita, como o intuito aqui é compreender essa etapa de formação, vê-se que os procedimentos citados contribuem de maneira significativa no processo de reflexão sobre e do processo educativo na prática, tendo em vista a instância da formação e da ação.

Assim, pode-se intervir na ação de maneira eficaz, pois, buscou-se no estágio “[...] analisar as relações que se estabelecem e as possibilidades de ação/intervenção e mudança.”. (BARREIRO e GEBRAN, 2015, P.145). É nesse viés que se baseou nas concepções das autoras destacadas, pois se compreende o estágio como sendo a oportunidade de se intervir na prática pedagógica docente nessa etapa de formação, assegurando ações comprometidas com a construção da identidade do professor.

Minayo (1994, p. 53), diz que; “[...] a pesquisa de campo consiste em representar uma realidade empírica a ser estudada, partindo de ideias teóricas que têm a função de fundamentar o objeto em investigação”. É os dados empíricos que se pensou em incorporar nesse estudo para dar como elucida Minayo que trouxe fundamentos para se repensar ou mesmo redirecionar posicionamentos que não veja o estágio como uma ferramenta que possibilita a construção das práxis pedagógicas, tanto do aluno estagiário, como do professor regente da turma de estágio.

Realizou-se um questionário por compreender que conforme apresenta Lakatos e Marconi (2002, p.201): “[...] é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” Vale dizer que este instrumento possibilitou se explorar a relação teoria prática, bem como entender que o estágio deve ser visto não somente como o momento da prática, mas como o primeiro contato do futuro professor com o processo de construção epistemológica de sua formação.

Esta pesquisa se apresenta como descritiva e explicativa. Para Silva & Menezes (2000, p.21) a pesquisa descritiva procura apontar as características da realidade de determinada população e de qualquer fenômeno/fato que instigue interesse ou demande de uma problemática a ser investigada e compreendida.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo dialogar sobre as atividades de estágio e os saberes teóricos apreendidos durante o curso de pedagogia, de modo a anteder e/ ou refletir

como a escola campo de estágio ver essa fase de formação, mas, também que se possa entender qual a função do estágio para o estagiário e o professor regente de sala.

3. Caracterização da Escola Campo de Estágio

A referida escola - campo de Estágio está localizada na rua Dr. Justo Chermont, - Centro, Bragança/PA. Esta Instituição escolar é composta por (01) uma sala de gestão, (01) uma sala do AEE, (07) sete salas de aulas, (04) quatro banheiros, sendo um feminino e, um outro masculino, (01) dos professores, e (01) um com acessibilidade. Possui (01) uma sala leitura, (01) uma sala de vídeo, (01) uma secretaria, (01) um refeitório e, debaixo da escada fica o depósito dos materiais de limpeza, na parte de cima onde antes era a sala da coordenação, agora está o depósito.

No que se refere ao quadro de funcionários a escola está composto no momento por: (25) vinte e cinco professores, (09) nove pessoas no setor administrativo, (14) quatorze nos serviços operacionais, (07) sete vigias, (08) oito cuidadores, (01) uma coordenadora, (01) um secretário, (01) uma vice-diretora e (01) diretora.

Vê-se que para que o estágio possa ocorrer é necessário que se conheça o espaço físico e humano da escola, pois a metodologia que os professores utilizam na sala de aula faz parte em uma conduta que conforme apresenta Pimenta e Lima (2009, p. 133): “ retrata não apenas ao como fazer, mas o todo fazer pedagógico, que não se limita apenas ao espaço, a solução de dificuldades na sala de aula, [...] , mas inclui as determinações do espaço escolar, da organização do sistema de ensino [...].” Mediante o exposto, vê-se que o conhecer espaço físico e humano do campo de estágio facilitou tanto, na elaboração da proposta de Intervenção, como no entendimento da relação teoria e prática nas práxis do professor.

4. Da fase de Diagnóstico *versus* Experiências Adquiridas

Considerou-se o momento da observação de extrema importância para os estagiários, pois se compreende que “[...] consiste em uma primeira etapa formativa antes da regência de classe”. (SILVEIRA, 2021, p.5). Caminhado por essa lógica, se pode entender que por meio do estágio, especificamente, aqui falando da observação, o professor em formação inicial consegue ver além da prática do professor regente de sala de aula, é nesse momento que se consegue ativar o que se viu teoricamente no curso de pedagogia, fazendo um paralelo com o visto, vivido, possibilitando o desenvolvimento de habilidades e competências fundamentais

para que haja uma efetiva prática pedagógica. Ou seja, é nessa fase do estágio que se irão conhecer como funciona a sala de aula, a metodologia do professor, os espaços que a turma circula, bem como o local de merenda escolar, as relações sociais etc. Assim, com um olhar dinâmico procurou-se buscar mecanismo de ensino-aprendizagem que favorecesse o desenvolvimento c3gnito e intelectual dos alunos.

Nesse sentido, a turma que frequentamos do 3ºano, composta por (25) vinte e cinco alunos matriculados, mas somente cerca de (20) vinte alunos participavam das aulas regulamente. Por ser uma institui33o que recebe muitas crian33as de vulnerabilidade socioecon33micas, isso parece refletir no ensino-aprendizagem dos mesmos, j33 que muitos faltavam bastante, e quando vinham diziam que s33 estavam na escola porqu33 tinham o que comer - merenda.

Outra quest33o levantada foram os materiais escolares, muitos n33o possu33am o m33nimo que se precisava, mas, mesmo com precariedade a professora – escola fornecia l33pis e folhas para as crian33as. A falta de interesse dos pais em rela33o aos estudos dos filhos foi um dos pontos mencionados pela docente, ressaltou que quando se convoca para reuni33o poucos pais compareciam ou procuravam saber como est33 o desenvolvimento do seu filho.

Devido 33s dificuldades de aprendizagem dos alunos, a escola busca desenvolve projeto como “O tempo de aprender” que contemple os alunos com necessidade de leitura e escrita, este 33 realizado no hor33rio de aula, sempre 33 tirado uma hora para ensinar.

Em uma conversa com a vice-diretora, pode-se saber que alguns programas s33o realizados na escola, como *Sarau Liter33rio*, *Folclore: uma viaje pela cultura regional*. Al33m de citar que a sala de inform33tica 33 ativada visando o interesse e desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Disse a mesma que esses projetos acontecem no final do semestre, e que os discentes apresentam o que desenvolveram junto do professor durante o per33odo letivo. Al33m desses, h33 programa que visam aproximar a escola com a fam33lia, assim melhorar no ensino aprendizagem dos alunos.

Outro ponto a se destacar, 33 o espa33o escolar, segundo Souza (2007) e Souza (2014) o espa33o f33sico deve ser pensado de forma que favore33a o processo de desenvolvimento e forma33o da crian33a, respeitando-as como indiv33duos de direitos. Diferentemente, desse contexto que a autora menciona a escola campus de est33gio, 33 improvisada em um gin33sio, as paredes das salas de aulas s33o de compensado, o que dificulta no isolamento sonoro, atrapalhando na concentra33o dos alunos, j33 que h33 muito barulho tanto interno como externo, j33 que a mesma est33 localizada no centro comercial da cidade.

Por ser uma escola pequena, não há espaço para as crianças brincarem ou fazerem outras atividades, tudo ocorre na sala de aula, a merenda, as brincadeiras, até mesmo a aula de educação física, o que dificulta a socialização com os alunos de outras turmas. Para Horn (2004, p. 28): “É no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo no qual se inserem emoções [...]”. Ou seja, é no espaço – sala de aula-escola que o aluno vê a dimensão do espaço como sendo algo conjugado ao ambiente de viver, conviver, aprender. Todavia, é importante esclarecer que essa relação não se constitui de forma linear. O importante é que se planejem as ações pedagógicas vendo as diferentes possibilidades que o espaço físico pode contribuir e/ ou limitar os aprenderes dos alunos.

Vale destacar que foi na observação que se verificou que a maioria da turma se encontra nos níveis silábicos, silábico-alfabético e alfabético o que dificultou a intervenção, já que a professora não diferencia as atividades dos alunos que sabe ler dos que não sabem. Outro aspecto relevante são os livros didáticos que são utilizados na escola, os textos do livro didático são bastante intensos e complexos para realidade da turma.

Percebe-se que uns dos recursos bastante utilizados pela professora é o quadro, talvez o motivo dessa prática como forma de os alunos se manterem ocupados, já que essa prática é era uma constante na prática da professora. Os alunos passavam bastante tempo transcrevendo e assim não faziam bagunça/barulho na sala, pois sempre que isso acontecia, ela recorria a essa tática.

Esse tempo que se acompanhou a turma, foi perceptível que muitos preferem matemática do que conhecimentos da Língua Portuguesa, hipoteticamente, esse fato está relacionado a didática da professora, o modo como é direcionado as aulas, pois sempre depois de passar as atividades impressas, ela utilizava jogos matemáticos para os alunos pôr em prática o que aprenderam, e isso estimulava os alunos a quererem aprender, diferente das aulas de Portuguesa que utilizava somente o quadro, e o livro didático, tornando a aula monótona, enfadonha. Nessa perspectiva, Candau (2014) apresenta que o fazer-didático tem que estar associado ao “ato de ensinar” e o “ato de aprender” para que as aulas se tornem significativas. Levando em consideração o que a autora cita, a professora tem que refletir acerca de sua metodologia, pois há momentos em que apresenta práticas educativas contraditórias em que o processo de aprendizagem dos alunos não torna significativo.

Nas atividades realizadas em sala de aula, algumas crianças tinham dificuldades de realizar as tarefas, devido não saberem ler, outras tinham maior desenvoltura e conseguia realizar com sucesso. Apesar dos empecilhos encontrados pela turma, algumas tinham

habilidades de raciocínio lógico, o que contribuiu na realização das mesmas atividades das crianças que sabiam ler, porém sempre com a ajuda da professora, pois a mesma lia o texto e as perguntas relacionadas ao texto e assim conseguiam realizar as atividades.

Diante dessa realidade observada da turma, buscamos desenvolver os procedimentos metodológicos que contribuísse para o processo de aprendizagem dos alunos. Partindo desse ponto, Libâneo (1994, p.222) destaca que “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”. Entende-se que a partir do que mostra Libâneo, seja qual for os objetivos, métodos, conteúdos que o educador queira desenvolver para seus alunos, se faz necessário se desenvolver um planejamento cuidadoso e adequado aos sujeitos envolvidos. Esse mecanismo pedagógico irá nortear a didática do professor em sala de aula, favorecendo no desenvolvimento das atividades de forma produtiva.

Sendo assim, o planejamento exige dos educadores que integrem estratégias, táticas, para que os alunos possam ter uma aprendizagem significativa, buscando de forma efetiva, selecionar métodos que favoreçam os desenvolvimentos dos aprenderes por parte dos discentes. O professor que não planeja sua aula, não consegue selecionar os conteúdos necessários ao desenvolvimento ou imersão do aluno no mundo do letramento. De acordo com Moraes e Varela (2007, p.02) “O professor deve fundamentar seu trabalho conforme as necessidades de seus alunos, considerando sempre o momento emocional e as ansiedades que permeiam a vida do aluno naquele momento”.

Partindo dessa lógica, buscou-se desenvolver atividades que permeassem os anseios dos alunos, buscando estratégia de ensino que pudesse favorecer um ensino aprendizagem eficiente e eficaz. Para alcançar os objetivos almejados utilizou-se de: jogos, leituras, brincadeiras, atividades impressas, dinâmicas, pinturas, dentro da interdisciplinaridade que o Ensino Fundamental exige. Para Bonatto (2012) a interdisciplinaridade é:

A interdisciplinaridade é uma temática que é compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber (BONATTO, 2012, p.3).

Bonatto mostra que a interdisciplinaridade possibilita se trabalhar com temas, e esses temas podem ser discutidos em diferentes disciplinas. Todos os conteúdos que trabalhamos

em sala de aula estão interligados a interdisciplinaridade, usou os recursos que abordagem diversas áreas do conhecimento.

5. O processo de Ensino/Aprendizagem: Observação e Regência no *lócus* de Estágio

Não se pode falar de ensino sem falar de aprendizagem, pois só há ensino se houver aprendizagem, nesse sentido, necessário se faz que se considere que na prática pedagógica do professor, a tríade ação/reflexão/ação deve estar sempre presente, de modo a redirecionar as estratégias de ensino, quando necessário. Assim sendo, compreende-se que o processo de aprendizagem está relacionado ao desenvolvimento pessoal e profissional do sujeito/aluno. Aprender a aprender é algo essencial na vida das pessoas, principalmente na vida do professor e do aluno. Por tudo isso, só se é capaz de compreender o processo de construção do conhecimento quando se aprende a problematizar suas práticas.

Assim, resolveu-se parafrasear o que reza Piaget sobre o desenvolvimento e aprendizagem, por apresentar que ambos surgem a partir de dois principais princípios: o sujeito que busca o conhecimento de determinado assunto e o objeto a ser conhecido pelo sujeito. Ou seja, para Piaget o saber parte da organização e sistematização das informações; são esses saberes que possibilita estruturar e explicar os fatos a partir das experiências vivenciadas. Esse sem dúvida foi o objetivo de se conhecer esses espaços.

Durante o período de observação foi possível perceber que, poucos alunos da turma em questão apresentavam conhecimentos, ou melhor, competência de leitura e da escrita. Diante disso, pode-se observar que os desenvolvimentos motores e linguísticos dos sujeitos cognoscentes, além de outros fatores, implicam direta ou indiretamente no desempenho formal da aprendizagem da leitura e escrita.

É sabido que o exercício do ler e compreender vai além da simples decodificação do código escrito, pois sob ele há uma estrutura básica que requer do leitor que ponha em ação todos os aspectos cognitivos e repertório pessoal. Isso posto, por entender que quando o sujeito lê um texto, apresenta implicitamente um objetivo, ou seja, mesmo sem perceber, há tácito à situação um motivo que o leva a ler. Outro fato que merece destaque a esse momento é que, ao ler, o leitor processa seus saberes, construindo sentido, ou melhor, produzindo a sua compreensão.

Aprender é algo único, e neste aspecto deve-se valorizar as pequenas e altas habilidades das crianças, pois deste modo, precocemente perceber-se as crianças que apresentam maiores habilidades para com raciocínio, o cálculo, e aquelas com menos

habilidades e, a partir daí, o educador precisa diversificar as práticas pedagógicas de modo a atender as especificidades apresentadas pelos alunos.

Nesse contexto, após uma conversa com a professora se verificou que algumas dessas crianças que não lê com categoria estão em situação de vulnerabilidade social, hipoteticamente não tem ajuda em casa, dificultando o conhecimento das letras, palavras e textos. Segunda a hipótese da professora essas questões acabam interferindo diretamente no processo de ensino aprendizagem.

Diante desses dados, surgiram vários questionamentos: Que prática pedagógica ir-se utilizar para desenvolver um ensino que desenvolva competências e habilidades de leitura e de escritas nesses alunos? Será que as condições financeiras desses alunos, realmente interferem na aprendizagem dos mesmos? Infere-se, todavia que, ainda que, algumas crianças vão para escola só por causa da merenda, será que isso interfere na concentração deles? No diálogo que se teve com a professora regente percebeu-se que a mesma transpareceu que esse fato (vir pela merenda) é uma das dificuldades encontrada por ela em sala de aula.

Ao observar as aulas da professora, verificou-se que algumas de suas aulas não são muito atrativas, pois, faz mais atividades de copiar no quadro e leitura do livro didático, talvez essa prática pedagógica da docente se torne para o aluno um trabalho superficial, por ser, além disso, uma metodologia inativa, uma leitura rápida sem nenhum atrativo. Para Solé (2008, p.22) a leitura: “é um processo de interação entre o leitor e o texto”. É um momento único em que o leitor deve examinar detalhadamente o texto, identificando as ideias principais, a mensagem que o autor quer passar. O que se pode dizer que a prática da professora em evidência não possibilitou uma interação satisfatória, nem com o texto, nem com o contexto do aluno.

A interpretação feita pela professora se resume ao que está no texto, não é uma interpretação que leva o aluno a não só aprender a ler e escrever, mas também fazer reflexões sobre determinados assuntos. Neste sentido, Antunes (2003) afirma que:

Uma atividade de leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literários e explícitos presentes na superfície do texto. Quase sempre esses elementos privilegiam aspectos apenas pontuais do texto (alguma informação localizada num ponto qualquer), deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global como seriam todos aqueles relativos à ideia central, ao argumento principal defendido, à finalidade global do texto, ao reconhecimento do conflito que provocou o enredo da narrativa, entre outros. (ANTUNES, 2003, p 24)

Para Antunes uma atividade de leitura jamais deve ser reduzida há aspectos, apenas pontuais do texto, mas deve-se considerar a interpretação da mensagem do texto, ou seja, a coesão, coerência, a textualidade dentre outros aspectos que fazem com que o emaranhado de palavras se torne de fato um texto, traga uma mensagem.

Diante das dificuldades vistas na observação, resolveu-se fazer um plano de aula com atividades lúdicas, isso, por se pensar em despertar o interesse das crianças na prática de leitura e da escrita, mas também na interpretação textual. Acredita-se dessa forma, que irar-se conseguir a concentração e participação dos alunos durante as aulas.

Portanto, com a prática de leitura e escrita de forma lúdica, foi pensada como meio de desenvolver no aluno habilidades e competências inerentes ao desenvolvimento de um leitor competente, isso, posto por se conhecer que a leitura pode ser realizada tendo em vista as suas funcionalidades. Solé (2008) apresenta que: Lemos para: a) Obter uma informação precisa; b) Seguir instruções; c) Obter uma informação de caráter geral; d) Aprender; e) Para revisar um escrito próprio. f) Por prazer; g) Comunicar um texto a um auditório; h) Praticar a leitura em voz alta; i) Verificar o que se compreendeu.

Seguindo esse raciocínio, a ludicidade na execução da leitura e da escrita, fará com que os alunos tenham contato com a linguagem escrita, por meio de variados textos que lhes despertem o desejo e o encanto de ler; eles terão oportunidades de interagirem o a construção de conhecimentos prazerosos, estimulados desde as séries iniciais a buscarem aprender novos saberes com vontade.

Desta forma, buscou-se trabalhar o tema “a leitura e a escrita através da ludicidade”, devido às dificuldades dos alunos em que se encontram. Nesse contexto, a leitura e a escrita são práticas sociais fundamentais para o desenvolvimento intelectual do ser humano, pois através destes mecanismos, adquirimos novas habilidades cógicas. Além disso, tanto a prática da leitura, como da escrita possibilita ao leitor e produtor de textos, a ampliação de conhecimento, possibilitando o desenvolvimento dos aprenderes e fazeres cognitivos, e, sobretudo, intelectual de quem a realiza. “A leitura e a escrita são condições culturais do conhecimento, que são compreendidas como um processo de autoconstrução, no confronto da criança com o meio” (SANTOS *et al*, 2021, pag. 06). Ou seja, para santos a leitura e a escrita, possibilita aos sujeitos se constituírem enquanto seres que fazem parte de condições culturais.

Vale destacar que, no mundo em que vivemos tudo a nossa volta está conectado com as palavras, por isso, a necessidade de ensinar o aluno de acordo com o meio em que está inserido, trazendo para dentro da sala de aula a realidade dos envolvidos. Isso leva-nos a parafrasear o que diz Paulo Freire, pois destaca que a leitura do mundo precede a leitura das

palavras, e a leitura desta, implica a continuidade daquela. Caminhando por essa lógica, podemos dizer que é a partir dos saberes dos alunos que aperfeiçoaremos os novos saberes.

Vê-se que em grande maioria, os discursos de alguns educadores, demonstram que as práticas de ensino escolar, no que se relaciona a leitura e a escrita, se constitui de forma mecanizada, em que o aluno apenas decodifica os códigos sem compreender, ou seja, reproduzem o que é ensinado, o que dificulta na aprendizagem, isso, por saber que só se aprender a ler, lendo e a escrever escrevendo. Nesse aspecto, consideramos que ensinar de forma lúdica trará bastante participação dos aprendentes no estudo, uma vez que terão vez e voz, pois é brincando, fazendo uso de atividades que envolve o agir sobre, que a criança aprende através de jogos, leituras diversificadas, atividades em que eles fazem parte do processo do desenvolvimento de aprendizagem, assim, torna-se mais significativo e produtivo para os alunos. Kishimoto (1994):

[...] por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade. (KISHIMOTO, 1994. P. 49).

De acordo com a discussão de Kishimoto (1994), ao se trabalhar de forma lúdica ajuda os alunos na compreensão dos assuntos mais facilmente, além de ser um ponto fundamental no desenvolvimento da aprendizagem significativa da criança, pois através da ludicidade a aula torna mais interessante para o aluno querer participar e resolver os desafios proposto pelo professor. Além de ser uma ferramenta fundamental no processo de alfabetização.

Caminhando por essa lógica, se pode elucidar que o projeto de Intervenção que se propôs, tornou-se pertinente por se trabalhar os conteúdos sugeridos de modo atrativo, assim, acreditou-se que os discentes iriam e foi o que aconteceu, participar mais ativamente, pois a prática pedagógica através da ludicidade, possibilitou se implementar estratégias pedagógicas ativas e, sobretudo atrativa. Essa foi à pretensão, colocar professor e aluno no mesmo patamar na construção dos saberes/fazer escolares.

Vale destacar que a escolha pela prática lúdica, adveio devido ver na observação que uma grande maioria dos alunos do 3º ano, sala de estágio, não desenvolvem a leitura com competência, apenas reproduzem, ou reproduzem o que está no escrito quadro-negro, não conseguem decifrar as palavras, muito menos a mensagem.

Por tudo isso, acredita-se que, ensinar de forma lúdica pode contribuir para que o processo de aprendizagem do aluno na intervenção ocorresse como planejado, pois favoreceu uma participação significativa dos alunos nas atividades propostas. Ou seja, a prática pedagógica por meio da ludicidade pode possibilitar o desenvolvimento de atividades que estimulou o raciocínio lógico, a criatividade e o crescimento pedagógico, tanto, do professor regente de sala de aula, como dos alunos, e porque não dizer do aluno(a) estagiário! Cita-se Gulinelli (2008 p. 9), para dar sustentação ao discutido, pois apresenta que: “a atividade lúdica é um fator muito importante para o desenvolvimento da criança. Por meio dela podemos tornar a aprendizagem mais prazerosa [...]”. O Lúdico despertou o interesse dos alunos pelo aprender a aprender, pois não se precisou de chamar aluno pelo nome para participar das atividades, todos se dispuseram para o que se solicitava.

Desta forma, o que se pretendeu alcançar com o projeto proposto na fase de regência, se conseguiu com sucesso. Atendeu-se em um período de tempo curto o que se verifica como destaque no relatório da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) proposto por Delors para a educação do século XXI, que saberão o desenvolvimento dos aprenderes na escola. O “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a viver juntos” e o “aprender a ser”, pilasstras que também se encontram presentes na Constituição Federal brasileira e excitam os educadores a estudar e rever os objetivos das instituições de ensino de todos os níveis e modalidades.

Ao considerar o desenvolvimento dos aprenderes, o aprendiz, nesse contexto, será visto como um sujeito protagonista do seu próprio processo de ensino-aprendizagem, ou seja, o aluno será compreendido com sujeito que é capaz de transformar informações em conhecimento próprio, que é capaz de agir sobre o objeto de conhecimento, reflete sobre ele, significando-o. É nesse processo que também o professor pode refletir sobre a ação/reflexão/ação.

6. Ensino x aprendizagem na fase de regência de classe

O período de regência é um momento de se colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da trajetória acadêmica, é o momento de se atuar como profissionais da educação, ou melhor, é o momento da ação. Essa experiência contribuiu para a formação enquanto futuros profissionais da educação e, também para fazer uma reflexão sobre a educação pública brasileira, pois a regência no estágio é a fase em que se fica frente a frente

com a realidade da educação, é essa experiência que faz refletir sobre que profissionais sequer ser.

Durante o período de intervenção elaborou-se um plano de aula para os cinco dias, seguiu-se as sugestões da professora, pois, a mesma trabalha com plano de aula ela não tem um tema específico, porém seu trabalho está mais focado na leitura e escrita. Mas, mesmo assim, construiu-se o projeto de Intervenção.

Para tornar a aula mais atrativa, utilizamos vários recursos pedagógicos que são materiais que usamos para promover uma aula mais lúdica e atrativa, assim, sair dos métodos tradicionais de copiar do quadro, o que ainda se ver muito nas escolas. Para isso os recursos didáticos pedagógicos precisam ser construídos intencionalmente, com a finalidade de desenvolver nas crianças suas habilidades físicas, motoras, criatividade, coletividade, social, leitura, escrita etc.

Dessa forma, se utilizou de recursos didáticos que auxiliassem as atividades interdisciplinares que estimulassem a aprendizagem dos alunos em especial aqueles que se verificou com sérias dificuldades de aprendizagem, procurando tornar as aulas interessantes para os alunos.

Portanto, como já apresentado desenvolveu-se um questionário com a professora regente de sala de aula como forma de entender como o estágio é visto pela escola/professora. Vale destacar que, se escreveu integralmente as respostas da entrevistada. Resolveu-se questionar sobre as seguintes questões:

Iniciou-se perguntando sobre: Qual a sua formação? Teve-se como resposta.

Tenho formação no magistério, ciências sociais e complementares em Pedagogia.

Tomando como base a resposta da professora, observa-se que a sua formação condiz com o estabelecido pela nova LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – 9394/96^a de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. Em seu Art. 62. Apresenta que: A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017). Assim, a referida docente, sugestivamente, possui saberes que possibilita um fazer pedagógico com base na epistemologia da Práxis.

Assim, compreende-se que no curso de Pedagogia aprende-se teoricamente o que e como construir a epistemologia das práxis, dessa forma, a docente em questão como titular de sala de aula é desafiada a não apenas “teorizá-la”, a prática, mas vivenciá-la, em um contexto, de forma crítica e direcionada para alcançar uma práxis de excelência.

Em seguida questionou-se sobre: Desde quando atua como docente?

Atuo nessa área desde 2006. Portanto, já tenho dezessete anos de experiência de sala de aula.

Nessa resposta vê-se positiva, uma vez que o saber da experiência é de grande importância na prática pedagógica do professor, mas, vale lembrar que só o saber da experiência isolado dos demais saberes inerentes a uma boa metodologia de classe. Deve-se ter ciência que o saber da experiência precisa estar em conexão com outros saberes. Tardif (2002) enfatiza para a posição de destaque que se deve dar aos saberes experienciais em relação aos demais saberes dos educadores. Esse posicionamento enfático se justifica principalmente pela relação de exterioridade que os professores sustentam com os demais saberes, por não poder controlar sua produção e sua circulação.

A título de exemplo, resolveu-se apresentar os saberes defendidos por Tardif os são quatro tipos que fazem parte das atividades docentes: os saberes da formação profissional (das ciências da educação e da ideologia pedagógica); os saberes disciplinares; os saberes curriculares; e, por último, os saberes experienciais. A resposta dada pela docente contradiz da sua prática, pois era uma constante a estratégia de usar o quadro de giz e o tradicional copia / reescrever sem objetivo definido, o que se verificou era um exercício monótono para manter os alunos ocupados. Não se viu fins pedagógicos, ou melhor, curriculares.

Caminhando por esse raciocínio, pode dizer que o norte que o professor deve seguir para adotar uma postura na sala de aula que contemple os diversos saberes docentes, portanto, será necessário a articulação entre os saberes da ação pedagógica, os saberes disciplinares (diz respeito à matéria a ser ensinada), os saberes curriculares (se refere ao programa de ensino), os saberes das ciências da educação (a somatória dos conhecimentos da formação inicial dos professores), os saberes da tradição pedagógica (está relacionado as suas vivência enquanto discente) e os saberes experienciais (resultado das experiências do cotidiano e da interpretação subjetiva de sua prática pedagógica). Observa-se a ausência da conexão, ou porque não dizer do conhecimento desses saberes fazeres docente pôr para da professora regente de sala de aula, campo de estágio.

Indagou-se também a respeito de: Como você vê o estágio na formação de professor?

Vejo como importante, pois o estágio é um momento em que se podem vivenciar algumas práticas docentes, seja boa, ou não, para que no futuro ele possa escolher sempre o melhor caminho para se tornar um (a) profissional de excelência na sociedade.

Quando perguntou se o seu estágio na graduação/Pedagogia contribuiu para seu exercício de docência? Ela respondeu:

Foi um momento de grande importância e aprendizado para mim, que naquele tempo serviu de primeiro contato com a realidade de ensinar. Adquirir algumas vivências e experiências que utilizei na minha prática docente.

A fala da docente mostra ser conhecedora da importância do estágio para o aprender a ensinar. O Estágio supervisionado é uma exigência da LDB – Lei nº 9394/96 nos cursos de formação de docentes. Para Oliveira e Cunha (2006), o Estágio Supervisionado é uma atividade que propicia ao aluno adquirir a experiência profissional necessária ao seu ingresso no mercado de trabalho. Fazendo um paralelo com a prática dessa professora, hipoteticamente as suas formações continuadas estão sendo tímidas, visto que sua formação inicial se deu há (17) dezessete anos atrás. E se verificar uma prática que perdura metodologias tradicionais, prática engessada, pois o uso de livro didático é uma constata. Só raramente introduz uma estratégia diferente no ensino da matemática.

Desta feita, tanto é importante a formação inicial do professor, quanto a formação continuada, só considerando essas premissas que o profissional docente conseguirá ter êxito em realizar a ligação entre teoria e prática, vendo-as como inseparáveis, para o desenvolvimento de uma práxis educativa.

Ao indagar sobre: Como define a sua relação com o estagiário na sua sala de aula?

É fundamental em que haja uma boa relação de professor e estagiário, para que assim os futuros professores possam conhecer o trabalho desenvolvido na sala de aula e assim contribua na sua formação de forma significativamente. Quando não há essa relação os estagiários se sentem frustrados e incapazes de desenvolverem sua docência porque não há esse diálogo entre eles. Sempre procuro estabelecer uma boa relação com os estagiários em sua sala de aula, para que os mesmos se sintam acolhidos para que possam desenvolverem suas atividades de forma tranquila e proveitosa, agregando uma experiência boa em sua vida acadêmica.

A referida docente diz ser importante que haja um bom relacionamento entre educador de sala de aula e aluno estagiário, e que sempre procura buscar essa relação sadia. Realmente um bom relacionamento de ambos contribuirá para o êxito do estagiário. Esta relação não deve incluir a imposição por parte do professor regente sobre o estagiário, e sim estabelecer uma interação dialógica entre. Nesse caso, pode-se dizer que realmente a fala da professora condiz com sua prática, uma vez que se teve uma boa relação. A vivência dessa interação com a escola, e a professora regente de sala de aula, configura-se como uma forma de crescimento tanto quanto acadêmica como futura docente.

Por fim, perguntou-se sobre: Você considera necessário o aluno de graduação/formação inicial estagiar ou não?

Considero sim, pois geralmente o aluno na graduação não tem experiência de sala de aula. Então, sem dúvida é necessário estagiar.

É nesse momento da formação inicial que o estagiário se aproxima de um momento epistemológico da prática, pois poderá viver a tríade ação/reflexão/ação na realidade de sala de aula ou da escola, possibilitando um refletir sobre a prática pedagógica efetiva na escola e, dessa forma, essa reflexão irá proporcionar saberes/fazer para a complementação da formação inicial docente.

Para França (2005):

O aluno estagiário precisa viver a escola em toda a sua amplitude, agora não mais como aluno, mas sim, direcionando seu olhar como futuro professor para que possa compreender e situar-se nesse contexto educativo de forma a

demonstrar competência profissional e compromisso ético para com a sua futura profissão. (FRANÇA, 2005, p. 03)

Com base no dito por França (2005), compreende-se que o estagiário deve procurar vivenciar ao máximo a experiência de sala de aula, ou melhor, na escola como um todo, de modo a compreender melhor essa nova realidade na sua formação. Cabendo a ele praticar a reflexão sobre a profissão e sua amplitude, sempre visando o desenvolvimento eficaz dos saberes/ fazeres docentes.

7. Considerações Finais

A prática do estágio, sem dúvida foi um momento muito significativo para na formação inicial do professor/estagiário, pois se pode refletir sobre os saberes fazeres/docentes, bem como experienciar a práxis na docente, além de ter possibilitado adquirir novos saberes.

Assim sendo, sabe-se que a práxis que referencia a epistemologia da práxis, como orientadora da formação docente, “[...] é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e para poderem alterá-la transformando-se a si mesma.” (KONDER, 1992, p. 115). Dessa forma, pode-se dizer que o estágio possibilitou o desenvolvimento das práxis, pois se pode agir sobre uma realidade, nesse caso o processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, buscou-se desenvolver uma a ação - intervenção que a teoria e pratica estiveram perpassadas a todo o momento.

Assim sendo, entende-se que o Estágio Supervisionado deve ser visto como um eixo central na formação acadêmica do futuro professor, isso posto, por saber que é por meio desse momento da formação inicial - estágio que o educando/estagiário tem acesso aos conhecimentos indispensáveis para a construção da identidade e dos saberes do cotidiano (PIMENTA e LIMA, 2004). Desta feita, o estágio torna-se uma prática indiscutível na formação inicial do universitário, pois, o estagiário entra em contato com a escola, pondo em ação, mas também em reflexão a observação e identificação de problemas, construindo saberes através da prática reflexiva, proporcionando, dessa forma, a troca de experiências com professores mais experientes (SOUZA e BONELA, 2007).

Por fim, este estudo possibilitou discutir sobre o estágio e sua contribuição na formação inicial do professor. Observou-se a partir do observado e da intervenção, bem como dos estudos teóricos empreendidos e da fala da professora regente da turma *lócus* do estágio/ pesquisa, que há necessidade de a escola, especificamente o professor rever seus saberes

/fazer docentes, buscando aperfeiçoamento de sua prática pedagógica em formações continuadas, e também estudos teóricos, de modo a desenvolver práticas e estratégias pedagógicas que tenham como foco o desenvolvimento do aluno, seja das suas capacidades cognitivas, seja, da intelectualidade. Isso posto, por se verificar que apesar de a professora dizer que possui formação em Pedagogia, e que o seu estágio contribuiu de forma significativa para sua prática de professor. Sugere-se que a mesma necessita de aquisição de novos saberes /fazer didático-pedagógico.

8. Referências Bibliográficas

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. São Paulo, SP: Cortez, 2003 (Coleção Questões da Nossa Época) ISBN 85-249-0922-6.

ANTUNES, Irandé, **Aula de Português - Encontro & Interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. 2ª ed. São Paulo: Avercamp, 2015.

BONATTO, Andréia, et al. "Interdisciplinaridade no ambiente escolar". **IX ANPED SUL**, v. 9, p. 03-04, 2012.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB**. 9394/1996.

CANDAU, Vera Maria (org.). **A didática em Questão**. 36. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRANÇA, D. S. **Formação de professores: A parceria Escola-Universidade e os Estágios de Ensino**. Uni Revista, vol. 1, nº 2, 2006.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D.T. **Tecnologias de Informação e Comunicação: Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GULINELLI, Deize. **A ludicidade nos anos iniciais do ensino fundamental: uma retrospectiva dos jogos tradicionais**. São Paulo, 2008.

HORN, Maria da Graça de Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. A organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko Morchila. **O jogo e a Educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

KONDER, L. (1992). **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCONI, M. d. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 4a ed. Atlas São Paulo, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. Revista Eletrônica de Educação, 2007. Disponível em: https://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf . Acesso em 19 set. 2023.

OLIVEIRA, E.S.G.; CUNHA, V.L. **O estágio Supervisionado na formação continuada docente à distância**: desafios a vencer e Construção de novas subjetividades. Revista de Educación a Distancia. Ano V, n. 14, 2006. Disponível em <http://www.um.es/ead/red/14/>. Acesso em: 15 out. 2023.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. (Org.). **Estágio e Docência**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

_____. **Estágio e Docência**: diferentes concepções. Revista Poésis – Volume 3, nº 3 e 4, p. 5-24, 2005/2006.

_____. GHEDIN, E. (Org.). **Professor Reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **O Estágio na Formação de Professores**: unidade teoria e prática. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Formação de professores – Saberes da docência e identidade do professor**. Revista da Faculdade de Educação., São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1996.

SANTOS, Wanderson Benigno dos, et al. **A importância da leitura e escrita no processo de alfabetização nas séries Iniciais do Ensino Fundamental**: Uma análise na Escola Municipal Fortunato Macedo. Plataforma Espaço Digital, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2021/TRABALHO_EV150_MD1_SAI_09_ID8585_06112021000330.pdf . Acesso em 10 set. 2023.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas**. Revistaunar, p.01, 2013. Disponível em:

https://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf. Acessado em: 28 set. 2023.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. UFSC, Florianópolis, 2000.

SILVEIRA, Adrielle Prestes da. *et al.* **O Estágio de Observação e suas Contribuições no Campo da Educação: uma análise na formação de professores**. Research, Society and Development, v 10, n 04, 2021. Disponível em: [14074-Article-182271-1-10-20210404.pdf](https://www.scielo.org/br/pdf/rsd/v10n04/14074-1-10-20210404.pdf). Acessado em: 28 set. 2023.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SOUZA, J. C. A.; BONELA, L. A. A Importância do Estágio Supervisionado na Formação do Profissional de Educação Física: Uma Visão Docente e Discente, 2007.

SOUZA, Bibiana Barbosa de; SOUZA, Mariana Barbosa de. **A Importância do Espaço Físico Escolar no Ensino e na Aprendizagem**. UNISC, 2014. Disponível em:

<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/11835/1664>. Acesso em: 23 set. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 4^a Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.